

## CADEIRA 02

### PATRONO - Aderaldo Ferreira de Araújo



**Aderaldo Ferreira de Araújo, (o Cego Aderaldo)**, nasceu no dia 24 de junho de 1878 na cidade do Crato - CE. Logo após seu nascimento mudou-se para a cidade de Quixadá. Aos cinco anos de idade começou a trabalhar, tendo em vista a doença do pai, tornando-se provedor da família e assumindo sozinho, a responsabilidade pelos genitores, desde cedo. Quinze dias após a morte de seu pai, (em 25 de março de 1896), quando tinha 18 anos e trabalhava como maquinista na Estrada de Ferro de Baturité, sua visão se foi depois de uma forte dor nos olhos.

Sem uma assistência previdenciária, pobre, cego e com poucos a quem recorrer, teve um sonho em verso certa vez, ocasião em que descobriu seu dom para cantar e improvisar. Ganhou uma viola na qual aprendeu a tocar. Logo começou a tocar rabeça. Algum tempo depois, quando tudo parecia estar voltando à estabilidade, sua mãe morre. Sozinho começou a andar pelo sertão cantando e recebendo dinheiro pelo novo meio de vida. Percorreu todo o Ceará, partes do Piauí e de Pernambuco. Com o tempo sua fama foi aumentando.

Em 1914 se deu a famosa peleja com Zé Pretinho (maior cantador do Piauí). Depois disso voltou para Quixadá, mas, com a seca de 1915, resolveu tentar a vida no Pará. Voltou para Quixadá por volta de 1920 e só saiu dali em 1923, quando resolveu conhecer o Padre Cícero. Rumou para Juazeiro onde o próprio Padre Cícero veio receber o trovador que já tinha fama. Algum tempo depois foi a vez de cantar para Lampião, que satisfez seu pedido - feito em versos - de ter um revólver do cangaceiro.

Tentando mudar o estilo de vida de cantador, em 1931, comprou um gramofone e alguns discos que usava para divertir o povo do sertão apresentando aquilo que ainda era novidade mesmo na capital. Conseguiu o que queria, mas o povo ainda o queria escutar. Logo depois, em 1933, teve a idéia de apresentar vídeos. Que também deu certo, mas não o realizava tanto. Resolveu se estabelecer em Fortaleza em 1942, onde veio a abrir uma bodega na Rua da Bomba, No. 2. Infelizmente o seu traquejo de trovador não servia para o comércio e depois de algum tempo fechou a bodega com um prejuízo considerável.

Desde 1945, então com 67 anos, Cego Aderaldo parou de aceitar desafios. Mas também, já tinha rodado o sertão inúmeras vezes, conseguira ser reconhecido em todo lugar, cantara para muitas pessoas importantes, tivera pelejas com os

maiores cantadores. E, na medida em que a serenidade, que só o tempo traz ao homem, começou a dificultar as disputas de peleja, ele resolveu passar a cantar apenas para entreter a alma. Cego Aderaldo nunca se casou e diz nunca ter tido vontade, mas costumava ter uma vida de chefe de família, pois criou 24 meninos, como filhos adotivos. Faleceu em Fortaleza - Ceará aos 89 anos de idade, no dia 29 de junho de 1967. (Texto extraído do livro "Eu sou o Cego Aderaldo", prefácio de Rachel de Queiroz, Maltese Editora — São Paulo, 1994. - Fonte: Rachel de Queiroz).

Por sua biografia a Academia Quixadaense de Letras – AQL acolheu a indicação de seu nome, conferindo-lhe em votação unânime, o título de Imortal como Patrono da Cadeira 02. (Biografia reorganizada pelo prof.: Antônio Martins de Almeida Filho – Cadeira 28 da AQL).

\*\*\*

## **ACADÊMICOS DA CADEIRA 02**

- 1. Francisco Carlos Carvalho da Silva** - Fundador da Cadeira 02 da Academia Quixadaense de Letras. Em 19/07/2012 foi formalizado seu pedido de ingresso na instituição; em 19/07/2012 teve seu nome aprovado para integrar a agremiação e em 27/10/2012, foi empossado como imortal, ocupando a cadeira 02, cujo patrono perpétuo é Aderaldo Ferreira de Araújo. A pedido, o acadêmico se desligou da agremiação gerando, assim, vacância na respectiva cadeira.



- 2. Francisco Guilherme Calixto Moreira** – Tornou-se titular da cadeira 02 da Academia Quixadaense de Letras. Em 16/08/2017 foi formalizado seu pedido de ingresso na instituição; em 18/09/2017 teve seu nome aprovado para integrar a agremiação e em 28/04/2018, foi empossado.

\*\*\*



## **Autobiografia do Poeta Francisco Guilherme Calixto Moreira**

I  
Pra quem já me conheceu  
E pra quem não me conhecia  
Eu vou escrever em verso  
A minha biografia  
Para dizer quem fui eu  
E como estou sendo hoje em dia.

II  
Eu nasci no interior  
Sou filho de camponês  
No sertão de Quixadá  
Pisei a primeira vez  
No dia três de julho  
De mil novecentos e quarenta e seis.

III  
Meu pai foi um grande pai  
Minha mãe grande caseira  
Ele muito prestativo  
Ela muito acolhedora  
Maria Nazaré de Souza  
Luiz Calixto Moreira.

IV  
Meus pais de família humilde  
De agricultura viveram  
Foram pais de nove filhos  
Todos lhes obedeceram  
E eu sou o quarto filho  
Dos nove irmãos que nasceram.

V  
Com dez anos de idade  
Tive uma grande alegria  
Quando papai me chamou  
Pra assistir uma cantoria  
Foi aí que descobri  
Que tinha o dom da poesia.

VI  
Dei boa noite aos poetas  
Com meu simples dialeto  
Perguntei os nomes deles  
Um disse com muito afeto  
Eu sou Alberto Porfírio  
E ele é o Bemtivi Neto.

VII  
Um deles disse menino  
Eu lhe peço por favor  
Diga seu nome pra nós  
Onde é o seu interior  
Por que você leva jeito  
Pra ser um bom cantador.

VIII  
Aí pra ele eu falei  
Nessa conversa eu insisto  
Você não me conhecia  
E eu nunca tinha lhe visto  
É uma honra dizer  
Eu sou Guilherme Calixto.

IX  
Alberto Porfírio disse  
Meu garoto muito bem  
E falou para o papai  
O dom poético ele tem  
Compre uma viola pra ele  
Que ele vai cantar também.

X  
Depois das doze horas  
Terminaram a cantoria  
Voltei com meu pai pra casa  
Com a mente em sintonia  
Daquele dia pra frente  
Só pensava em poesia.

XI  
Me inspirei na natureza  
Apesar da pouca idade  
Cantando o sertão vegético  
Com toda propriedade  
Em tudo eu fazia um verso  
Com maior facilidade.

XII

Depois de dezesseis anos  
Mais outra grande alegria  
Papai me deu uma viola  
E eu saí com Zé Maria  
Pra fazer em São Luiz  
A primeira cantoria.

XIII

Quando peguei a viola  
Comecei a dedilhar  
E fiz o primeiro verso  
Vi a plateia vibrar  
Batendo palmas e dizendo  
Oh rapazim pra cantar.

XIV

Daí pra frente eu senti  
A maior desenvoltura  
Preservando a tradição  
Com uma grande estrutura  
Me dispus de corpo e alma  
Defender nossa cultura.

XV

Papai já ficando velho  
Me chamou pra me dizer  
Vou lhe fazer um pedido  
Se poder me atender  
Faça o que for possível  
Pra cultura não morrer.

XVI

Penetrei sem timidez  
Nas camadas sociais  
Enfrentei os cantadores  
Nos maiores festivais  
Pra zelar nossas culturas  
Que são tradicionais.

XVII

Depois pensei nas culturas  
Que o nosso nordeste tem  
Vaquejadas e anedotas  
Pra não excluir ninguém  
Boneco e Bumba-meu-Boi  
Que são Culturais também.

XVIII

Eu promovo festivais  
Cantoria mensalmente  
Dando vez quem não tem vez  
Levando o progresso à frente  
Pra ver se não se acaba  
A cultura do repente.

XIX

Se disputo com os colegas  
Permaneço muito atento  
Quando ganho não gargalho  
Quando perco não lamento  
Porque não é todo dia  
Que a gente tá cem por cento.

XX

Há se eu tivesse recurso  
Uma verba bem elevada  
Patrocinava forró  
Cantoria e vaquejada  
A cultura do repente  
Era mais valorizada.

XXI

Continuo renovando  
A cultura “envelhecida”  
Resgatando nossa história  
Para não ficar esquecida  
Mas vou falar um pouquinho  
Na parte técnica da vida.

XXII

Ganhei duzentos troféus  
No nordeste brasileiro  
Gravei dezesseis CD's  
Seis DVD's com um parceiro  
Fora os cachês recebidos  
Que foram pagos em dinheiro.

XXIII

Escrevi cordéis falando  
Na política do Irã  
África do Sul e Egito  
Beleza de Canaã  
Depois escrevi um livro  
Falando em Malba Tahan.

XXIV

Continuo escrevendo  
Não me canso de escrever  
Estou escrevendo outro  
Bem melhor de entender  
Com um título sugestivo  
Esse livro é bom de ler.

XXV

Me tornei um escritor  
Pra honrar nossa bandeira  
Entrei na Academia  
De letras tão pioneira  
E ocupo a cadeira dois  
De Aderaldo Ferreira.

XXVI

Certa vez fui contratado  
Pago pela prefeitura  
Pra ensinar mais depois  
Deixei a Legislatura  
Porque vi que precisava  
Cuidar melhor da cultura.

XXVII

Casei aos dezoito anos  
Com uma moça muito bela  
Depois de nascer dois filhos  
Deus veio e carregou ela  
E eu fiquei com a missão  
De fazer por mim e por ela.

XXVIII

Com os dois filhos que nasceram  
Eu estou muito satisfeito  
O mais velho é o Ivan  
É casado e tem respeito  
E o Cleiton é intelecto  
É bacharel em direito.

XXIX

Um dia eu disse aos meus filhos  
Um pedido vou fazer  
Quando eu deixar o planeta  
Daqui desaparecer  
Façam por nossa cultura  
O que eu não pude fazer.

XXX  
Termino a biografia  
Muito resumidamente  
Se eu fosse escrever minha vida  
Do passado pra o presente  
Um livro de treze mil páginas  
Não era suficiente.

\*\*\*